



**Local Conference Call
Itaú Unibanco
Resultados do 4º Trimestre de 2013
5 de Fevereiro de 2014**

Operadora: Bom dia senhoras e senhores. Sejam bem vindos à teleconferência do Itaú Unibanco Holding S.A. onde serão discutidos os resultados do quarto trimestre e ano de 2013.

No momento, todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessitem de assistência durante a teleconferência, teclmem “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores www.itaunibanco.com.br/ri. Os slides desta apresentação estão disponíveis no site. O *replay* desta teleconferência estará disponível por meio do telefone (55 11) 4688-6312, código de acesso: 2007896 SUSTENIDO.

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje em São Paulo estão os senhores **Roberto Egydio Setubal**, Presidente Executivo, **Alfredo Egydio Setubal**, Vice-Presidente Executivo e Diretor de Relações com Investidores; **Caio Ibrahim David**, Chief Financial Officer; e **Rogério Calderón**, Diretor de Controladoria Corporativa e Relações com Investidores.

Inicialmente o **Sr. Roberto Setubal** apresentará os resultados do quarto trimestre de 2013. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail.

Agora eu passo a palavra ao **Sr. Roberto Setubal**.

Sr. Roberto Setubal: Bom dia a todos, obrigado pela presença aqui na nossa conferência sobre os resultados do quarto trimestre de 2013. Eu imagino que vocês estejam todos nas telas da internet, eu estou aqui na tela 2, destaques, começando. Enfim, o nosso resultado, como vocês já viram, foi no trimestre R\$ 4,7 bilhões; é um resultado recorde nosso. Foi um trimestre muito forte, todos os operacionais vieram bastante bem, nossa margem com clientes subiu no trimestre 4%, margem financeira com mercado que tem estado bastante volátil, neste trimestre foi bem, nós atingimos R\$ 739 milhões, muito melhor do que trimestres anteriores.



Margem financeira de crédito, já líquida de PDD, também teve uma subida de 6,5% na medida em que a própria PDD caiu 7% no trimestre. Continuando a tendência de queda que já vinha em vários trimestres anteriores e combinado com o crescimento da receita da margem financeira com clientes fez com que a margem financeira de crédito, líquida de PDD, aumentasse 10,5%.

Receita de serviço no trimestre foi bastante bem; 8% de crescimento. É um trimestre que tem uma sazonalidade importante, especialmente na área de cartões, onde nós temos uma presença bastante forte. No ano, cresceu 22% que é também um crescimento bastante forte. Também tudo isto em linha com aquela estratégia que nós já vínhamos anunciando há algum tempo de procurar reduzir o nosso apetite de risco, que fez com que a PDD caísse e ao mesmo tempo aumentando as receitas de serviços e seguros.

Despesas não decorrentes de juros no trimestre foram acima daquilo que a gente estava esperando, 7,5%, que fez com que no ano ficasse em 7,4%. No ano, se nós ajustarmos botando a Rede nas mesmas bases comparáveis do ano anterior, ficamos em 5,9%; bastante em linha com a inflação, portanto. Então, assim continuamos no nosso esforço de controlar custos mantendo crescimento de custos abaixo do crescimento de receita. Este é um esforço que a gente tem, um compromisso bastante grande que a gente continua mantendo.

Tudo isso fez com que o nosso índice de eficiência melhorasse 3,1 pontos percentuais neste trimestre e 4,7 no ano comparado com o ano anterior.

Outra boa notícia no trimestre foi o crescimento da carteira de crédito, que atingiu no ano 13,5%, crescimento sendo de 6% no trimestre. Vou falar com mais detalhes sobre isso mais para frente.

Continuando, na tela seguinte, a gente observa que o retorno sobre patrimônio do Banco, e aí excluindo a tesouraria, a linha de mercado que vem estando muito volátil, a gente vem consistentemente subindo o retorno sobre patrimônio. Neste trimestre, atingimos 24,2% mostrando claramente a evolução bastante consistente do resultado operacional do Banco.

Da mesma forma, olhando na página 4, o nosso retorno sobre ativos continua muito forte, continua melhorando. Atingimos neste trimestre 1,7% e a gente teve que ajustar o risco, estamos aí falando em 2,6%. Portanto, claramente, a gente está em um nível operacional bastante eficiente neste momento.

Na tela 5 a gente observa o nosso Lucros e Perdas onde a gente pode observar com clareza vários dos comentários que fiz anteriormente. Eu ressalto aqui, claramente, os resultados estão vindo da nossa estratégia de reduzir um pouco o apetite de risco.



É interessante observar que na redução de apetite de risco a gente teve um momento durante o ano passado que foi bastante penalizante, que foi a nossa queda trimestre a trimestre na margem financeira com clientes, aliás, no ano retrasado, no ano de 2012. A gente vinha com uma queda trimestre a trimestre. No ano de 2013, a gente começou de novo a recuperar o crescimento da base financeira com clientes. Vocês observam que no último trimestre a gente cresceu 4,1% em relação ao terceiro trimestre, embora no ano, ano contra ano, a gente tenha caído 5,5%.

Então, claramente, foi uma virada importante, nós já estamos num *trend* de crescimento já tendo ajustado a carteira, do ponto de vista de receita já estamos ajustados e, portanto, iniciamos agora uma fase de crescimento na margem financeira com clientes.

E a PDD continua caindo, já que este efeito é um pouco mais retardado em relação ao que é na margem, ela vem depois. Da mesma forma que nós no início perdemos receita e a PDD ainda demorou um pouco para reagir, agora estamos num efeito inverso, que a receita já está reagindo e a PDD ainda continua tendo algum efeito de arrasto. No ano, a gente teve uma queda de 23% na PDD e no trimestre 7,6% de queda.

Despesas no ano a gente veio bem, a gente conseguiu manter em bases equivalentes, embora que aqui não seja visível isso, a evolução da despesa no nível da inflação.

Tivemos aí alguns efeitos não recorrentes. Hoje o conjunto dos impactos foi praticamente neutro, eu não vou entrar em detalhes. Se vocês tiverem alguma questão sobre cada uma destas linhas a gente pode comentar aí nas perguntas.

Na tela seguinte, na tela 7, a gente vê a evolução da carteira de crédito. Aqui tem o impacto da Credicard, que a gente incorporou ela depois de todas as autorizações obtidas, no mês de dezembro. Portanto, no fechamento do balanço a gente já tem a carteira da Credicard ali na linha de cartão de crédito, pode ser visto claramente pela grande evolução, de 26% praticamente, no trimestre, na linha de cartão de crédito. No ano tivemos uma evolução de 33%.

E quando a gente olha para a evolução da carteira inteira de crédito estamos falando aqui em 13,5%, dezembro contra dezembro, e 6% no trimestre. Se a gente tirar o efeito Credicard, que é um efeito relevante no trimestre, os 6% caem para 4,3% e o ano fica em 11,7%, que ainda assim foi um bom crescimento.

No final, eu acho que a gente conseguiu, começamos o ano atrás do *guidance*, mas ao longo do ano a gente foi melhorando e já estamos, que nem eu comentei anteriormente, no ritmo de crescimento já mais estabilizado das nossas receitas e da nossa carteira de crédito, por consequência das nossas receitas.



As carteiras que estão crescendo mais, e eu acredito que continuarão assim para o ano que vem, é a carteira de crédito consignado, que está crescendo forte. A gente mudou a estratégia diante daquela ideia de mudar o apetite de risco. A gente hoje está fazendo mais consignado e menos crédito pessoal, tanto é que a carteira de consignado cresceu 66% no ano e a de crédito pessoal ficou praticamente estável, tendo crescido só 1,4%.

Enfim, esta tendência deve continuar no ano que a gente tem pela frente, e lembrando que aqui tem um efeito importante que foi a introdução da *Joint Venture* com o BMG, que aumentou bastante a nossa produção de consignado, que já vinha crescendo forte antes.

A carteira de crédito imobiliário, que é outra carteira que está crescendo bem, continua num ritmo forte, estável, já de alguns anos e a tendência é que ela continue forte.

A carteira de veículos a gente continua num *trend* de queda, a gente deve ter queda ainda ao longo deste primeiro semestre de 2014 e a gente espera que ela se estabilize ao longo do segundo semestre deste ano. Mas, enfim, de qualquer forma esta redução ela contribuiu bastante para que a gente tenha melhorado o nosso *mix* e reduzido a PDD, já que esta carteira vinha apresentando PDDs bastante elevadas nos últimos três anos.

Na parte de pessoa jurídica, área de grandes empresas continua crescendo forte, aqui um pouco mais impactada pela variação cambial, que no trimestre, no trimestre e no ano foi bastante intensa, mas mesmo descontando a variação cambial a gente teria tido 5% no trimestre e 10% de crescimento no ano, que é um bom crescimento na carteira de grandes empresas.

A parte de pequena empresa, pequena e média empresa, nós já estamos estabilizando a carteira, ela deve apresentar crescimento daqui para frente depois de ter feito este importante ajuste do nível de apetite de risco. Da mesma forma, América Latina teve um crescimento forte aqui também impactada pela variação cambial, mas continuamos em um ritmo forte de crescimento.

Bom, estas mexidas, estes crescimentos diferentes têm feito com que, como a gente pode observar na tela 8, nossa composição na margem financeira tenha mudado bastante ao longo do ano e é bastante visível que a gente está caminhando para um *mix* de receita com menor risco. O que torna, em função desses crescimentos que a gente tem tido em carteiras mais de risco menor, o que torna o balanço do Banco como um todo um balanço de menor risco do que era há dois anos. O que eu acho que é bastante adequado para a atual conjuntura de mais baixo crescimento, de mais incertezas, de mais volatilidade nos mercados. Eu acho que nós estamos bem posicionados do ponto de vista a de balanço e de risco para esta situação.



Tudo isso teve um impacto bastante positivo na nossa margem financeira já líquida de PDD. Como a gente pode ver, ela vinha relativamente estável e começou a subir e atingimos neste trimestre uma margem de 7,9% pós PDD. Embora a gente tenha caído a margem bruta, mostrando claramente o efeito que a gente teve, quer dizer, a mudança no apetite de risco, fez perder receita na medida em que a gente saiu de riscos com mais *yield*, com riscos mais elevados, que tinham taxas maiores e *spreads* maiores. Mas a gente conseguiu mais do que compensar este movimento reduzindo a PDD mais do que a gente perdeu de margem, então, portanto, a nossa margem líquida de PDD ela vem aumentando.

Os indicadores de crédito, aliás, é importante eu destacar aqui que nós já estamos começando a estabilizar a margem bruta. Então, a gente espera que daqui para frente a margem bruta esteja mais estável. Ela vai ter alguma queda, mas agora muito mais por efeito *mix*, e não mais por redução do *spread* ou por outros tipos de coisa. Então, a gente espera que continue ganhando margem financeira líquida.

Os indicadores de crédito, na tela 10, mostram que a gente está em um nível de inadimplência o mais baixo desde a fusão, isto é resultado exatamente desta política que a gente adotou de reduzir o nosso apetite de risco, isto é que teve todo este impacto na PDD.

Então, é bastante consistente, a gente vê tanto pessoa física como jurídica caindo a inadimplência, a gente espera que ainda tenha mais algum ganho aqui, embora reconheça que a maior parte do ganho de inadimplência e de efeito da PDD já está nos livros, já está aparecendo aqui neste último trimestre. Espero algum ganho ainda em 2014, mas ganhos menores do que a gente teve no sentido de, espero reduções ainda no índice de inadimplência, embora reduções menores do que a que tivemos este ano.

Isso fez com que a nossa despesa de PDD tenha caído, como gente pode ver aqui na tela 11, embora o saldo tenha se mantido relativamente estável ao longo do período aqui de 2013, nos últimos trimestres.

Quando gente olha a inadimplência de curto prazo, na tela 12 a gente vê que a gente também está no nível mais baixo histórico. Pessoa física continua caindo, a gente ainda espera alguma queda aqui e a pessoa jurídica, embora indique uma pequena subida aqui, a gente não vê isto como uma tendência. Foram alguns casos isolados. Eu adianto de cara que não tem nada a ver com o Grupo X, são alguns outros casos de perdas médias/grandes que afetaram um pouco a inadimplência de curto prazo. Mas não vejo isto como uma tendência. Eu acho que nós estamos num patamar mais baixo e mais estável de inadimplência de pessoa jurídica.

Na página 13, aqui foi um destaque do trimestre, que foi a melhoria nas margens de mercado. Os mercados têm estado bastante voláteis como vocês têm acompanhado, a gente tem visto diariamente oscilações muito fortes e isto está bastante visível no resultado, nas margens que a gente tem obtido trimestre a



trimestre. Eu diria que o resultado deste trimestre é um resultado bom, adequado, mas eu diria que a gente pode ter volatilidade em torno disto nos próximos trimestres.

Não é um número que a gente pode botar como certo ou dado daqui para frente, eu acho que pode variar como variou ao longo do ano de 2013.

As receitas de serviços e seguros foi uma área que a gente procurou crescer bastante, fazer um esforço grande, exatamente durante este período em que a gente teve queda de receita, queda de margem na linha de crédito, como já descrevi anteriormente, que agora já está recuperando. A gente fez um esforço grande de reajustar toda a estratégia de serviços nossa, inclusive, com a aquisição da metade que a gente não tinha da Redecard e mais recentemente também a parte de Credicard.

Estas estratégias estão em linha com a nossa intenção de aumentar receita de serviços. Então, são duas aquisições que vão dentro desta estratégia e que já mostram claros impactos aqui nos aumentos. Embora a gente tenha feito toda uma revisão e todo um esforço grande de ampliar a nossa prestação de serviço isto fez com que neste ano a gente tivesse um crescimento de 19% em relação ao ano passado, a gente espera continuar crescendo esta receita embora em ritmo um pouco menor, como nós vamos falar mais adiante quanto eu falar do *guidance* de 2014.

Quando a gente olha a operação bancária separada da operação de seguros, eu acho que a gente olha muito o balanço consolidado do Banco, mas eu acho que é importante a gente olhar os dois negócios de forma separada, isto porque eles têm naturezas diferentes, alguns componentes diferentes.

Eu acho que a nossa operação bancária ela está realmente muito forte, muito sólida. Vocês vejam que o ROE está em 25%, o índice de eficiência em 51%; são níveis bastante bons, bastante competitivos. Acho que somos aqui no mercado brasileiro referência na operação bancária em todos os indicadores que a gente puder olhar.

Operação de seguros vai muito bem, vocês estão vendo aí também o resultado. Ela é uma operação de seguros menor, a gente continua fazendo um esforço para crescer, e ela é muito menor ainda do que o Banco, acho que sempre será menor, embora eu acho que tem um esforço de crescimento aí bastante relevante.

Esta distinção de abrir o Banco e Seguros eu acho que ela é importante até para comparar com outros componentes na medida em que o mix de Seguros e Banco são diferentes. Então, é bastante interessante olhar indistintamente cada uma das operações.

Olhando a operação de Seguros com um pouco mais de detalhe, na tela 16, a gente vê que a nossa operação é uma operação de baixo risco, também linha com esta



estratégia de apetite de risco mais baixa. A gente tem um baixo nível de sinistralidade, e isto porque a gente optou por estar presente em áreas de seguros que não têm altos níveis de sinistralidade. Então, isto faz com que a nossa operação ela seja uma operação de mais de baixo risco e com uma boa lucratividade, embora não tenham grande volume porque nós estamos fora de alguns negócios como automóvel e saúde, que são operações que têm mais volume, embora tenham resultados técnicos menores.

Eu chamo a atenção de vocês para linha de resultado técnico, onde a gente atingiu no quarto trimestre R\$ 1,4 bilhão de resultado técnico de seguros, que eu acho que é a grande contribuição que a área de seguros traz e deve continuar trazendo ao longo dos próximos trimestres de forma crescente.

Na parte de despesas, embora o trimestre não tenha sido grande coisa, tem uma sazonalidade importante no trimestre – sempre tem um quarto trimestre mais forte – a gente conseguiu fechar o ano (quando a gente compara em bases iguais ao crescimento de despesa) abaixo ou em linha com a inflação, embora nós tenhamos crescido de forma relevante a operação do Banco. Então, é um esforço grande, a gente continua com este esforço, continua com o objetivo de crescer em níveis mais baixos do que a inflação e, então, um esforço bastante grande para gente atingir este resultado.

Eu lembro para vocês que nós temos tido um efeito importante na linha de pessoas com o dissídio; este ano foi quase 8% e tivemos muita despesa trabalhista em função do ajuste de quadro que nós fizemos. Então, tudo isto está na linha de despesa de pessoas. Então, o esforço que a gente fez para atingir 5,9% é um esforço bastante relevante e a gente vai continuar procurando oportunidades de redução de custo na operação do Banco.

Então, tudo isso faz com que, na página 18, a gente esteja aqui no melhor nível de índice de eficiência ajustado ao risco desde a fusão. A gente está num nível bastante competitivo, este trimestre 65%, que significa que a nossa operação antes do imposto de renda, praticamente, está dando 35% sobre a receita.

Vocês vejam também na página 19, nós conseguimos crescer o patrimônio líquido do Banco em 9,2% em função do nosso resultado no período. Distribuimos os nossos dividendos como sempre fazemos e, embora tenha uma volatilidade elevada este ano no mercado, a gente não teve maiores ajustes no patrimônio.

O índice de capital do Banco continua muito forte, tivemos uma redução relevante em função de novas regras de Basileia, também teve a incorporação da carteira da Credicard, continua em níveis bastante confortáveis de 16,6%.

Continuando, hoje a gente teve, enfim, a ação do Banco continua com uma liquidez muito grande, ontem inclusive, vocês viram, foi a ação mais negociada do Ibovespa.



Entre e Itaú e Itaúsa, na Bovespa, atingimos ontem quase 18% do pregão, e realmente foi um nível de liquidez bastante elevado.

Na página 22, é interessante também observar os demonstrativos em IFRS, que mostraram ter um resultado ainda mais elevado do que aquele que está mostrando em níveis do *Brazilian GAAP*, o que mostra a qualidade do nosso resultado. Isto vem acontecendo assim de forma bastante recorrente.

Falando de 2013, última vez que a gente vai falar de 2013, na tela 23, a gente basicamente entregou todo o *guidance* que a gente tinha dado no começo do ano. Foi um ano realmente que a gente conseguiu fazer tudo aquilo que a gente imaginava. Já indo para a tela 14, a gente olha a tela 14 com as expectativas que a gente está, aliás, na tela 24, com as expectativas para 2014.

A gente está esperando um crescimento de 10% a 13% da carteira, PDD líquida de recuperação, aqui é importante que nós estamos falando – este ano nós mudamos um pouco, estamos colocando não mais o *guidance* para PDD bruta, mas para PDD líquida de recuperação – de R\$ 13 a 15 bilhões, crescimento na carteira de serviços de 12% a 14% e despesa não decorrente de juros de 10% a 12%.

Observando que aqui tem a Credicard entrando, então isto é muito relevante. Se a gente tirar a Redecard estamos falando de 5,5% a 7,5%, mas a gente continua fazendo um esforço para manter o crescimento da despesa abaixo da inflação pelo menos em linha com a inflação. Então, se a gente descontar a Credicard, que significaria, comparado em bases equivalentes, o nosso *guidance* está mais ou menos dentro deste objetivo que eu descrevi agora.

Finalmente, eu queria só rapidamente passar com vocês a operação de CorpBanca. Nós fizemos a fusão do nosso banco no Chile, quer dizer, negociamos e está sujeito à aprovação das autoridades, a fusão da nossa operação chilena com o CorpBanca.

CorpBanca é um banco que tem presença no Chile e na Colômbia. Foi um passo importante na nossa estratégia de ampliar a nossa presença na América Latina. Conseguimos fazer uma negociação bastante interessante, embora foi muito complexa, em termos de esforço muito grande, para a gente conseguir fechar nestes níveis, a gente conseguiu fazer uma operação que, embora esteja adquirindo o controle através desta fusão, é uma operação que está criando valor. Nós não estamos destruindo valor nesta transação, o que é realmente extraordinário dado que estamos assumindo o controle do CorpBanca.

Com isto nós vamos ficar sendo o quarto banco no Chile e o quinto banco na Colômbia. Interessante observar também que, para terminar a apresentação para a gente ir para perguntas, na última tela aqui, na tela 26, como a gente com esta operação passa a consolidar o balanço do CorpBanca, embora a gente só tenha 30%, e como passa a já ser mais relevante os volumes de crédito que a gente tem em outros países da América Latina.



Então, estamos falando aqui de algo que vai a R\$ 94 bilhões de créditos na América Latina, fora do Brasil. Então, começa a ter um impacto mais relevante na nossa atividade, que entendemos como bastante positiva porque estes são mercados de mais crescimento, são mercados de mais baixo risco e isto diversifica o balanço do Banco em termos de risco.

Muito bem, tendo dito tudo isto, eu estou abrindo para perguntas e obrigado aí pela atenção de vocês.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem asterisco um (*1). Para retirar a pergunta da lista, digitem asterisco dois (*2).

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Jorg Friedemann, Bank of America.

Sr. Jorg: Obrigado pela oportunidade e parabéns pelos resultados. Mas eu fiquei com uma dúvida em relação ao *guidance* dos efeitos da Credicard. Vocês colocaram na parte de despesas que o aumento na parte de custos seria de uma magnitude que, eu pelo menos olhando as notas explicativas e vendo as despesas da Credicard relativas a dezembro, acredito que não são condizentes com o potencial impacto de cerca de 5% nas despesas totais do Banco. Queria então saber se vocês podem me ajudar a entender esta diferença e também saber se vocês podem acrescentar alguma coisa sobre o impacto, na última linha, da Credicard, porque eu acredito que da mesma forma que você aumente despesa você também está tendo impacto em receitas financeiras que não estão sendo mostradas. Então, entender um pouquinho desta dinâmica de Credicard e depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

Sr. Roberto: Jorg, eu não tenho números aqui para te dar, mas estamos aqui trocando idéia com o Caio e com o Calderón, depois a gente pode detalhar mais isto. Provavelmente, o que está, vamos dizer assim, contribuindo adicionalmente além da despesa operacional é o ágio, que a gente tem, que não está computado em dezembro. Mas depois a gente pode abrir mais detalhes para você sobre isto. A questão do ágio a gente ainda não fechou o prazo de amortização, ainda tem questões de *valuation* da marca, tem algumas questões que a gente ainda não fechou e isto vai, de certa forma, também contribuir, a amortização do ágio vai fazer com que provavelmente neste ano o impacto do resultado da Credicard seja muito neutro.

Sr. Jorg: Desculpa eu insistir um pouquinho neste ponto, Roberto, mas só para dar um pouco de número e tentar ver se tem alguma coisa que eu também estou



perdendo na própria questão do ágio, porque eu vejo aqui cerca de um pouco menos de R\$ 35 bilhões de despesas do Banco ao longo deste ano de 2013 e pela nota explicativa que eu vi aqui de vocês cerca de R\$ 1,9 bilhão do ágio, seria isto mesmo?

Seria isso mesmo? Quer dizer, eu somo as despesas potenciais de Credicard ao longo do ano e é este ágio de R\$ 1,9 bilhão que a gente está falando ou a gente poderia ter alguma coisa adicional ainda pendente de cálculos que vocês estão fazendo?

Sr. Roberto: Não, não tem nada adicional. É que nem eu te falei, eu não tenho números aqui, a gente depois pode esclarecer isto e botar todos os números com detalhes aí para vocês. Mas eu realmente não tenho números aqui. Mas o meu ponto apenas é que a gente ainda não definiu o prazo de amortização e ele vai, ele se somará à despesa operacional da Credicard. Mas depois a gente esclarece isto com mais detalhes.

Sr. Jorg: Sem problema nenhum. A segunda pergunta eu queria entender se vocês podem elaborar um pouco mais sobre a questão das receitas financeiras. Como você mesmo mencionou na apresentação, a gente já começa a ver uma reversão da tendência da margem com clientes, pelo menos uma estabilização, e eu acredito que a gente já pode esperar algum crescimento dessas receitas financeiras ao longo do ano de 2014. Como isto não consta do *guidance*, eu queria só entender se vocês têm alguma estimativa de como vocês vêem esta evolução ao longo do ano de 2014, e aqui obviamente eu estou me referindo às receitas financeiras com cliente, independentemente de tesouraria. Obrigado.

Sr. Roberto: Perfeito, Jorg. Sim, se você observar estes últimos, a gente vinha caindo a base financeira com clientes trimestre a trimestre, até o primeiro trimestre deste ano. Aliás, desculpe, até o primeiro trimestre do ano passado. Então, o primeiro trimestre de 2013 ainda mostrou queda em relação ao quarto trimestre de 2012. Dali para frente, trimestre a trimestre, a margem financeira em reais, quer dizer, a receita da margem financeira ela começou a crescer e vem subindo, embora a gente, veja, eu diria ainda que continuará subindo ao longo do ano de 2014. Embora, que nem eu falei, em função do mix ela vai crescer menos do que a carteira. Mas vai ter crescimento sim.

Sr. Jorg: Perfeito. Então, assim, seria razoável só tentar ver este efeito de receitas financeiras com clientes crescendo em *mid single digit* dado que vocês falam de 10% a 13% decréscimo da carteira total? É um número assim que parece fazer sentido?

Sr. Roberto: Jorg, eu não vou arriscar um número aqui, mas, enfim, acho que pelo *guidance* que a gente deu quando a gente coloca o serviço, a gente botou crescimento de receita de serviço, botou, enfim, dá para você mais ou menos



estimar o quê que nós estamos achando como razoável, mas nós não estamos dando este *guidance*.

Sr. Jorg: Está ótimo. Obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Marcelo Cintra, Goldman Sachs.

Sr. Marcelo: Oi, boa tarde a todos. Primeiramente parabéns pelo resultado. Eu tenho duas perguntas também. A minha primeira pergunta é relacionada à despesa principalmente em relação ao *guidance*. Em 2013, como vocês mostram tirando Redecard, cresceu perto de 5,9% e vocês estão dando um *guidance* também sem a Credicard, no caso de 5,5% a 7,5%. Mas uma coisa que eu estava reparando, vocês reduziram bastante o *staff* durante 2013 e no quarto trimestre o time já acabou esta redução. Então, eu só queria entender como que vocês vêem isto para 2014, se vocês já estão no nível, vamos dizer, ótimo de pessoal e não deve ter mais redução, ou seja, talvez a sua despesa com pessoal cresça até um pouco acima da inflação ou se deve ter mais reduções, mais redução de pessoal e talvez se a redução de despesa vai vir em outras despesas administrativas? Depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

Sr. Roberto: Ok. Em relação à despesa, você veja que a gente tem mantido uma certa redução de *headcount*. Eu acho que a redução de *headcount* para frente ela é menor porque nós ao mesmo tempo em que estamos controlando muita despesa abaixo dos índices de inflação, abaixo do dissídio, a gente tem continuado a expandir o Banco, tá, a gente continua abrindo agências, a gente continua ampliando os negócios, quer dizer, a redução de despesas ela não vem em detrimento do crescimento do Banco, que para nós e isto é imperativo. Agora, este ano, por exemplo, tem coisas que a gente começa, e acho que a gente talvez venha até abrir com mais detalhes este número para vocês acompanharem melhor, a gente continua ganhando produtividade, tem muito investimento que a gente fez que redundará em melhorias de processo, em redução de custos e ganhos de produtividade.

E um elemento importante que está crescendo este ano é que nós estamos entrando na fase de um volume maior de despesas no nosso novo CPD em Mogi Mirim. Então, este é um número relevante, ele está dentro deste [inaudível] e a gente pode até abrir mostrando para vocês o quê que significa. Eu não tenho de cabeça qual o número, mas são algumas centenas de milhões que estão entrando este ano meio que de forma não recorrente porque quando a gente começa a colocar o CPD em operação a gente tem uma duplicação de algumas despesas porque ficam pouco duplicado durante um certo período. Então, será uma despesa que entrará em 2014 de algumas centenas de milhões e que significa, vamos dizer assim, que na medida em que vai tudo mudando para o CPD de Mogi Mirim estas despesas vão deixando de existir, deixa de ser duplicadas. Então, a gente tem algumas coisas adicionais. Mas a gente vai abrir mais este número. Em relação, só para finalizar, ao *headcount* a gente imagina uma redução de quadro menor do que o que a gente teve este ano.



Sr. Marcelo: Perfeito Roberto. Só com pequeno *follow-up*. Eu só queria entender também um pouco se tem algum impacto talvez da Copa do Mundo e o fato de o Itaú ser um dos patrocinadores nesta linha específica de despesa e também de dias úteis relacionados a estes feriados, se isto está considerado no *guidance* e quanto quantos pontos percentuais isto mais ou menos implicaria de crescimento?

Sr. Roberto: Olha, eu não tenho o número aqui, mas está tudo dentro deste número do *guidance* que nós estamos dando. De fato, existe alguma despesa adicional aí em função da Copa do Mundo, mas está tudo dentro deste, a Copa do Mundo, a expansão, o próprio CPD novo. Tudo isto está dentro destes 5,5% a 7,5% que nós estamos falando aqui, tá.

Sr. Marcelo: Está ótimo. Se eu pudesse só fazer a minha segunda pergunta, é um pouco mais abrangente. Eu queria entender um pouco a sua visão relacionada à rentabilidade do Banco como um todo. Pelos últimos *calls* e pelo que a gente tem sempre ouvido seria um ROE perto de 20%, só que neste trimestre especificamente foi muito forte, foi 23%, perto de 23,5%. Você, assim, concorda com talvez este nível não seja recorrente e deve ser algo mais perto de 20% mesmo talvez para 2014 e na perpetuidade ou se realmente isso aqui a gente está vendo uma nova base e aí para o Itaú Unibanco daqui para frente? Muito obrigado.

Sr. Roberto: Eu vejo o seguinte, para, primeiro: Este trimestre nós tivemos, como mencionei, uma linha de mercado boa e, que nem eu também mencionei, isto tem oscilado bastante e isto pode fazer o ROE oscilar. Do ponto de vista da operação do Banco, ela está muito sólida, as linhas todas estão bastante consistentes, e eu estou muito confiante de que nós continuaremos a performar bem. Embora devemos considerar alguns aspectos importantes no quarto trimestre: Primeiro é que o quarto trimestre é o trimestre do ano que tem mais dias, mais dias corridos e mais dias úteis. Isto acaba tendo a sua influência; 100, 200 milhões para cá, para lá que acaba tendo uma influência relevante quando a gente compara com outros trimestres. Segundo: É um trimestre sazonalmente de muita atividade; é um trimestre que a gente tem mais receita de serviço, tem outras coisas que impactam favoravelmente.

Então, eu diria, assim, a operação do Banco, o que está no quarto trimestre, é a operação que o Banco está tendo. Agora, tem um encontro destes aspectos – dias úteis, dias corridos, esta sazonalidade própria do quarto trimestre e a questão da linha de mercado.

Sr. Marcelo: Tudo bem. E só para entender melhor, mesmo em um ROE sustentável é ainda perto de 20%? Qual que é a visão do banco?

Sr. Roberto: Veja, eu não quero te dar um número porque é sempre difícil. Agora, do que eu falei acho que dá para você deduzir bastante coisa.

Sr. Marcelo: Muito obrigado.



Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Eduardo Rosman, BTG Pactual.

Sr. Eduardo: Bom dia a todos. Eu queria dar parabéns pelos resultados. Eu acho que os números foram tão bons que tive que abrir e fechar o *press release* três vezes para ter certeza de que o resultado tinha sido aquele mesmo! Mas vamos lá. Eu queria falar um pouco sobre as operações do Itaú fora do Brasil. Eu particularmente gostei muito do *deal* com o CorpBanca, eu fiquei muito bem impressionado com a forma que vocês estruturaram o *deal*, né. Ontem eu vi que o Banco deu algumas declarações dizendo que também estuda a possibilidade de ter um banco de varejo no Peru e no México. Então, eu queria que vocês falassem um pouco sobre isso e, por fim, eu queria também saber qual que é a expectativa de vocês para o ROE destas operações fora do Brasil nos próximos anos. O ROE das operações fora do Brasil foi de 14% no quarto trimestre, então, está bem abaixo do que o ROE do Banco como um todo. Eu sei que estas operações ainda têm uma escala bem menor, mas algum dos bancos líderes nos países que vocês operam possuem ROE acima de 20%. Então, eu queria saber se vocês acham que dá para chegar lá. Obrigado.

Sr. Roberto: Bom, em relação à questão do ROE, veja, a gente sempre olha muito a questão do custo de capital, tá, e se você pegar o custo de capital no Chile, ele é mais baixo que no Brasil. Então, em princípio seria natural que em momentos de normalidade a gente tivesse ROEs o menores no exterior do que o que a gente tem no Brasil. Outro aspecto relevante é, de fato, têm no Chile bancos que rodam com 20% de ROE. Queremos chegar lá também, mas isto não acontecerá da noite para o dia e não acontecerá apenas com essa operação da CorpBanca. Como vocês sabem, esta questão de rentabilidade bancária de varejo ela tem a ver com escala, tem a ver com uma série de coisas e nós não estamos na mesma escala mesmo depois da operação do CorpBanca, não estamos ainda na mesma escala do Santander Chile, do Banco do Chile. Nós temos uma escala ainda menor e ainda temos que passar por toda a fase de fusão, que ainda vai demorar algum tempo. Isto não acontece da noite para o dia. Mas vamos fazer um esforço para chegar aos níveis mais, as rentabilidades nos seus mercados. Qual era a outra pergunta?

Sr. Eduardo: Não, não, acho que isto mesmo. Obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Eduardo Nishio, Brasil Plural.

Sr. Eduardo: Bom dia a todos, obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas. A primeira é um *follow-up* em relação ao ROE sustentável de longo prazo. Colocando este contexto de 20% de ROE, quanto que vocês acham que vocês podem crescer crédito no longo prazo também? Um nível mais normalizado de crescimento de carteira, dado que a economia já está um pouco mais alavancada, que você tem Basileia III entrando, etc., etc. Qual seria um nível de crescimento de carteira um pouquinho mais à frente sustentável? Obrigado. Esta é primeira pergunta, depois eu faço a segunda.



Sr. Roberto: Bom, veja, o crescimento da carteira de crédito ela tem a ver também com o crescimento da economia, tá, eu acho que tem uma correlação muito grande aí. Mas eu acredito que se a gente olhar o horizonte de dois ou três anos neste horizonte que a gente tem hoje de crescimento aí relativamente baixo, 2%, 3% para economia brasileira, eu acho que a nossa carteira pode crescer *low double digit*, quer dizer, entre 10% e 15% bastante bem. Eu acho que poderá ser até um pouco mais dependendo um pouco do que a gente for ver em relação aos bancos concorrentes, principalmente os bancos públicos que está se anunciando uma certa redução da presença deles. Em havendo de fato esta redução, eventualmente a gente pode até crescer um pouco mais. Então, esta é minha expectativa; de 10% a 15%, sendo mais para 15% se a economia melhorar e depender um pouco da presença dos bancos públicos.

Sr. Eduardo: Perfeito, mas nada daquele cenário pré 2008, né?

Sr. Roberto: Não, a gente não vê mais crescimento de 25%.

Sr. Eduardo: Certo, ok. A minha segunda é em relação aos planos econômicos. Se você pudesse dividir com a gente um pouco das expectativas do Banco em relação a estes julgamentos, o quê que os senhores acham em relação ao que está sendo julgado? São casos muito longos e antigos e vocês fizeram o que os bancos centrais pediram para vocês fazer naquele momento. Eu queria saber das perspectivas em relação a isto e se vocês tiverem uma perda em relação a estes planos o que vocês tem como estratégia para recorrer à este julgamento? Obrigado.

Sr. Roberto: Bom, há muita confusão em torno dos planos econômicos. Eu queria fazer algumas afirmações curtas, mas importantes, que é o seguinte: Primeiro, os bancos apenas cumpriram a legislação. Nós não fizemos nada diferente daquilo que foi determinado pelas leis que estavam em vigor naquele momento. Segundo, bancos não ganharam nada com os planos econômicos, especialmente no caso da poupança há um perfeito alinhamento entre o que foi aplicado nos ativos e passivos e o ativo e passivo regulamentado pelas regras do Banco Central são exatamente do mesmo tamanho. Então, o Banco também não ganhou nada pelo tratamento que foi dado a remuneração da poupança porque a mesma coisa se aplicou aos empréstimos imobiliários e aos depósitos compulsórios junto ao Banco Central. Terceiro, o poupador não perdeu nada. Esta é uma afirmação meio polêmica, mas eu gosto de fazê-lo porque acontece o seguinte: As pessoas estão olhando apenas, quando fala de perda da remuneração da poupança, olham apenas o primeiro mês em que houve alteração no tratamento destes ativos e passivos. Na verdade, a alteração durante os planos econômicos se deu por vários meses, ou seja, tinha uma determinada regra, veio o plano que alterou a regra para uma nova regra que ficou em vigor durante alguns meses.

Quando se olha só primeiro mês, de fato há uma discrepância grande, quando se olha o período todo em que a regra ficou alterada e se compara com o que teria sido



a remuneração da poupança se não tivesse havido a alteração de regra, a gente observa que em alguns planos há até um ganho para o poupador, ou seja, ele foi beneficiado pela mudança de regras. E em outros planos, se eu não me engano apenas um, há uma pequena perda, mas é muito pequena. Então, no todo, o poupador foi até beneficiado pelos planos econômicos. Bom, diante deste cenário, quer dizer, é um cenário, vamos dizer assim, com muita confusão, muito se fala em várias questões dos planos econômicos. Eu diria assim: Os bancos, no nosso caso, estão totalmente provisionados para as perdas individuais. O que nós não temos provisões são para as perdas de planos coletivos e estes números é bastante incerto o que poderia gerar.

Agora, a gente tem hoje, eu acho que a gente conseguiu nestes últimos meses colocar com mais clareza estes pontos que eu afirmei junto aos próprios Ministro do Supremo Tribunal, eu acho que a gente conseguiu mostrar exatamente estes aspectos que eu mencionei agora e acho que isso está fazendo com que haja uma reflexão mais profunda sobre os planos econômicos. Então, na minha forma de ver, vamos dizer assim, eu acho que com todos estes dados que foram trazidos à tona que eram meio desconhecidos, uma série de outras informações e até opiniões de Ministros, ex-Ministros, de todos os matizes partidários. Eu acho que a gente tem uma expectativa de que o julgamento seja um julgamento bastante correto, bastante alinhado e considerando exatamente nestes aspectos de perdas e ganhos que houve no sistema inteiro.

Então, eu acredito que o julgamento será bastante alinhado com as informações que a gente tem aí disponíveis hoje.

Sr. Eduardo: Perfeito. Ficou bem claro. Em relação, só um *follow-up*, ao cronograma destes julgamentos, vocês têm alguma ideia de quanto isto pode perdurar e em relação às provisões feitas para os casos individuais, que eu entendo que já estejam provisionados, eu queria saber destes R\$ 150 bilhões que o Ministério da Fazenda calculou se estes planos estão inclusos aí ou não, são R\$ 150 bilhões só de planos coletivos? Obrigado.

Sr. Roberto: O número 150 ele pode variar, eu acho que todo mundo já deve ter visto números que variam de 100 ou 50 até, se lá, 400, 500 até 600. E os números variam muito mesmo porque há uma série de suposições, de cálculo de juros, de mora, tem uma série de abrangência de plano coletivo, se ele fica regional, se ele é nacional, enfim, tem uma série de dúvidas que podem variar, fazer com que haja uma grande variância neste número. Depois, quer dizer, quando a gente fala este número total ele inclui não só os planos coletivos, mas também os individuais que já estão provisionados que, de certa forma, são parte dos coletivos. Então, estes números eu não daria muita atenção aos números neste momento, eu acho que eles podem variar muito.

Sr. Eduardo: E em relação ao cronograma vocês têm alguma idéia de como vai ser julgado estes planos?



Sr. Roberto: Não sei, eu não tenho muita idéia, tá. A gente apenas sabe, até foi declarado isto pelo próprio Presidente do Supremo, que deve se iniciar neste mês agora de fevereiro. Não acredito que será julgado isto em uma única sessão. Eu acho que ainda haverá, até porque pode haver situação que se julgue plano a plano. Isto está até nos jornais, esta possibilidade está sendo avaliada, então, aí demoraria mais. Se vai julgar plano a plano, vai analisar cada um dos planos, enfim.

Sr. Eduardo: Perfeito. Muitíssimo obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Francisco Kops, Banco Safra.

Sr. Francisco: Bom dia a todos. A minha pergunta é sobre o *guidance* de despesa de provisão de vocês. Vocês fizeram um pouco diferente este ano, né, colocaram na verdade dois fatores aqui para gente trabalhar, o que complica um pouco, né, pelo menos na minha visão. O quê que vocês podem falar sobre expectativa de recuperação de crédito? Eu sei que é muito difícil, mas o que a gente poderia colocar no nosso modelo aqui para gente trabalhar, para gente ter uma idéia um pouco melhor de despesa de provisão bruta? E até, uma segunda pergunta em cima disto também, o quê que vocês esperam de qualidade de crédito para 2014, assim, esta queda de NPL deve continuar com movimento de mix que vocês estão fazendo ou vocês já enxergam uma estabilidade neste NPL? Obrigado.

Sr. Roberto: Em relação ao índice de inadimplência, que nem eu falei, eu acho que a maior parte do ganho já ocorreu, a maior parte da queda já ocorreu, mas a gente vê ainda alguma queda pela frente, não tão significativa que nem a que ocorreu em 2013, mas ao longo de 2014 a gente vê quedas adicionais ainda. Com relação à questão de recuperação, a PDD líquida, bruta, bom, eu até achava que ficou mais simples para vocês porque de certa forma as duas linhas tornam o *guidance* mais robusto, tá, somente duas linhas, mas, de qualquer forma, a recuperação não deve variar muito em relação ao que temos neste ano. Pode ser um pouco abaixo, um pouco acima, mas será pequena variação.

Sr. Francisco: Está certo. Só um *follow-up* em relação a inadimplência. A provisão adicional de vocês é em torno de R\$ 5 bilhões e ela tem se mantido estável ultimamente, né. Em caso de algum *stress*, enfim, algum cenário um pouco pior do que vocês estejam imaginando, vocês acham que poderiam usar este colchão para atingir o *guidance* ou vocês acham que este número não deve se alterar, esta provisão adicional?

Sr. Roberto: Bom, primeiro a gente não espera nenhum grande *stress* já que, falamos aqui bastante, a gente hoje tem no nosso balanço a carteira de crédito ela está muito mais, com um risco muito menor do que ela a estava há 2 ou 3 anos atrás. Então, mesmo numa situação pior da economia eu acho que ela vai performar bastante bem dentro das expectativas que a gente está dando. Segundo, a gente não imagina mexer na política que tem hoje de constituição de provisões adicionais.



Sr. Francisco: Está certo, obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Carlos Firetti, Bradesco Corretora.

Sr. Carlos: Bom dia a todos. A minha pergunta vai na mesma linha do *guidance* de despesas de provisão. A gente, ao longo dos últimos meses, ouviu um pouco de vocês que vocês esperavam para 2014 uma queda nas despesas de provisão em termos nominais. Você entende que este *guidance* que incluía aí agora despesas líquidas se comunica com esta sinalização que vocês estavam dando até recentemente? O seja, vocês ainda esperam uma queda de despesas nominais para 2014?

Sr. Roberto: Sim, a gente espera em bases equivalentes, mas lembra que tem a Credicard aqui dentro.

Sr. Carlos: Tá, entendi. Em relação à operação de *middle* que vocês aí ao longo dos últimos trimestres estão ainda num processo de reestruturação e a carteira vinha comprimindo, o quê que vocês esperam daqui para frente? Quando vocês acham que essa operação especificamente começa a apresentar nível de crescimento melhor, especificamente nas empresas menores?

Sr. Roberto: Eu até comentei isto durante a apresentação, a gente já espera este começo de ano já está crescendo, já está em bases correntes, tá, a gente já terminou a ali, eu diria assim, todo o apetite de risco que foi adaptado ali já foi absorvido, digamos assim, e nós estamos operando já com crescimento.

Sr. Carlos: Está bom, obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Domingos Falavigna, JP Morgan.

Sr. Domingos: Bom dia a todos. Parabéns pelo resultado, de fato é impressionante. A minha dúvida tange um pouco do *guidance*. Hoje a gente está notando aqui um *guidance* de crescimento de carteira de crédito da ordem de 10% a 13%. Eu queria entender mais ou menos que *range* de PIB que você está confortável com este tipo de crescimento? Qual o PIB que vocês estão trabalhando hoje? A gente acabou de revisar o PIB aqui, os economistas do JP, se a gente fosse trabalhar com *ongoing* deterioração do PIB como já foi visto no ano passado e chegando a menos de 1%, como é que isto traduziria um cenário de PIB pior para o Brasil (de 0,5%, de 1%), enfim, para esta sua estimativa de crescimento de carteira de crédito?

Sr. Roberto: Olha, este *guidance* está baseado num *range* de mais ou menos 2% a 2,5% de PIB. É isto que a gente está esperando para o ano de 2014.

Sr. Domingos: Tá, e se a gente for pensar, por exemplo, num cenário em que haja um corte, tem algum tipo de sensibilidade que você possa passar? Por exemplo, se



o PIB for para um *range* de 1% a 1,5% o quê que traduzia isso em termos de crescimento de carteira?

Sr. Roberto: Veja, evidentemente que dentro de variações razoavelmente próximas destes números que eu estou falando, eu acho que se crescer, digamos, um pouco abaixo de 2%, eu acho que a gente deve ainda chegar nos 10%. Mas, se for muito abaixo, pode ser que este número vem ficar um pouco abaixo.

Sr. Domingos: Tá. Minha segunda pergunta, muito rapidamente, assim, a gente notou naturalmente uma redução significativa na carteira de automóvel; 21%. A minha dúvida é: Quando a gente olha esta base pensando ponta deste ano contra ponta de 14, a base já está ajustada? Devemos ver algum tipo de crescimento nominal ou ainda está na fase de limpeza de carteira?

Sr. Roberto: Eu acho que ponta a ponta deve estar muito próximo de estabilidade, tá. Eu não tenho o número aqui de cabeça, mas eu acho que ela é mais para o próximo de estabilidade. Que nem eu falei, ela vai cair um pouquinho ainda ao longo do primeiro semestre e deve começar a recuperar ao longo do segundo semestre.

Sr. Domingos: Obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Jorg Friedemann, Bank of America.

Sr. Jorg: Obrigado por me permitirem perguntar de novo, eu não vou conseguir infelizmente acompanhar hoje o *call* em inglês. É só um ponto que eu acho que ninguém tocou ainda. No anúncio da aquisição da participação no CorpBanca foi comunicado que o impacto em Basiléia poderia ser de aproximadamente 100 *basis points*. Eu só queria esclarecer, primeiro: Se este valor de fato é o que vocês estão trabalhando e se a base seria a partir daqueles 9,3% de *core capital* que aparece em Basiléia III na apresentação de vocês?

Sr. Roberto: Eu vou passar aqui para o Caio a resposta, mas é menos do que 100 *basis points*. Caio.

Sr. Caio: Oi, Jorg, naquele momento a gente mencionou algo próximo a 100 pontos bases, mas já considerando a questão de Basiléia III e a premissa que a gente tinha já, enfim, sem olhar muito a otimização do capital, né. Então, se a gente fizer uma conta aplicando hoje os critérios atuais de alocação de capital, isto seria bem mais baixo, obviamente, de 15 a 20 bps. Basiléia III *full* obviamente a gente vai em busca da esta otimização de capital, estruturação de nível 2, etc., a gente espera que este impacto seja apenas de 50 pontos base. Então, a gente está refinando todos estes números, obviamente depende muito, também não só da variável crédito, né, que é o que vocês têm mais sensibilidade aí, ou seja, o tamanho da carteira de crédito, mas tem também toda regra para risco operacional, risco de mercado. Então, tudo isto aí tem uma análise mais profunda para a gente fazer para, de fato, otimizar este



capital. Mas, de fato, vai ser um número menor do que aquele que a gente tinha havia como premissa até então.

Sr. Jorg: Perfeito. Além disso, assim, eu vi nas últimas semanas que vocês mencionam fazer inclusive um potencial desinvestimento da área de seguros de grandes riscos para otimizar capital, quer dizer, se isto vier a acontecer, o impacto equivalente para um desinvestimento desta magnitude a gente poderia sugerir que isto mais do que compensa ou compensa o efeito de CorpBanca?

Sr. Roberto: Olha, eu não tenho os números aqui de cabeça, mas eu acredito que não compensa. A operação de seguros ela no balanço do Banco, nós estamos falando de seguros patrimoniais que a gente está analisando essa possibilidade que você mencionou, ela é bem pequena comparado com a operação do CorpBanca. Quer dizer, intuitivamente eu diria, assim, que não deve compensar, mas eu não tenho os números aqui.

Sr. Jorg: Entendi, mitiga, mas não compensa. Está ótimo, obrigado.

Operadora: Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Roberto Setubal para as considerações finais.

Sr. Roberto: Bom, eu só posso agradecer aí a presença de todos e também a participação de vocês nas perguntas, eu acho que é sempre importante para gente entender as dúvidas que acabam gerando. De qualquer forma eu agradeço bastante a presença de todos e até uma próxima.

Operadora: A teleconferência do Itaú Unibanco Holding S.A. está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.
